

“A GENTE DANÇA, A GENTE FAZ SEXO, A GENTE CONVERSA, A GENTE DÁ CONSELHO”: UM ESTUDO SOBRE ENVELHECIMENTO EM PROSTITUTAS DE MEIA-IDADE¹

*“WE DANCE, WE HAVE SEX, WE TALK, WE GIVE ADVICE”:
A STUDY ABOUT AGING WITH MIDDLE-AGED PROSTITUTES*

Catheline Rubim Brandolt² e Monise Gomes Serpa³

RESUMO

Na presente pesquisa, apresenta-se, a partir de entrevistas de duas prostitutas de Santa Maria/RS, como essas percebem o envelhecimento na meia-idade, analisando o lugar que seu corpo ocupa em sua relação com os clientes e como elas compreendem seu envelhecimento. Para isso, utilizaram-se entrevistas semi-estruturadas, abordando questões sobre corpo, trabalho e envelhecimento. O processo de envelhecer implica-se a uma lógica da vida, ressaltando que, por mais perceptíveis que sejam as marcas físicas, elas conseguem associar aspectos positivos. Os estímulos no ambiente de trabalho estão interligados à ideia de cansaço e fadiga em suas rotinas durante e após o período em que realizam os programas. No processo de envelhecimento, conseguem agregar a experiência neste trabalho como um “bônus” para lidar com os clientes. Assim, é possível expandir o foco sobre o corpo em envelhecimento da prostituta, que sofre ao longo dos anos nesse trabalho, mas cria novos significados para suas funções na arte de “vender fantasias sexuais”.

Palavras-chave: corpo, prostituição, trabalho.

ABSTRACT

This study presents an analysis of interviews conducted with two prostitutes from Santa Maria/RS. The analysis reveals how they realize their aging process, analyzing the role of their bodies in their relations with clients. To develop this study, semi-structured interviews focusing on body, work and aging issues were used as research instruments. The aging process is attached to the logic of life, emphasizing that as noticeable as the physical marks are, they can be associated with positive aspects. The stimuli in the workplace are linked to the idea of tiredness and fatigue in their routines during and after the moment they perform their services (programas). To the aging process, they add the experience they have obtained in this job as a “bonus” with their clients. Therefore, it is possible to widen the focus on the aging body of the prostitute, who suffers for years in this work, but creates new meanings for their roles in the art of “selling sexual fantasies”.

Keywords: body, prostitution, work.

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: cathelinerb@gmail.com

³ Orientadora. Docente do curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: monise.serpa@gmail.com

INTRODUÇÃO

A prostituição é o trabalho mais antigo de que se tem conhecimento na história mundial. Ao mesmo tempo, é calcado por momentos de alta e de baixa valorização e reconhecimento social; por ora as prostitutas são exaltadas, por ora vitimizadas. Se do século XV ao XVI elas não sofriam nenhuma repressão e eram consideradas reguladoras da ordem social, a partir do século XX, a prostituição passou a ser vista como um problema social. De acordo com Rago (2008), no Brasil do século XIX, a identidade das prostitutas era estigmatizada pelos homens a partir da possibilidade de considerar a existência de uma sexualidade feminina. As prostitutas carregavam em seus corpos o discurso médico higienista, consideradas transmissoras de doenças, e pendiam a ter uma imagem pervertida. Contrapondo-se a isso, elas mantinham a imagem de *femmes fatales*, representadas na literatura pela figura de Carmen de Mérimée (1846), Cleópatra, Dalila, sendo mulheres repletas de artifícios, ousadas, extravagantes, dotadas de uma supersexualidade, entregando-se aos prazeres do corpo.

Nas décadas do início do século XX, a imagem vislumbrada para a mulher era a mãe de família, recatada, voltada aos afazeres domésticos e submissão ao marido, principalmente no Brasil. Ao mesmo tempo, na Europa, as propagandas atrelavam ao corpo das mulheres lógicas de erotização e, com isso, o sexo tomou um espaço de produto, por meio das *pin-ups*, que misturavam sensualidade e romantismo à imagem feminina. O espaço então ocupado pelo sexo também se expande com a introdução da pílula anticoncepcional e o controle das mulheres sobre a escolha da maternidade. Essas conquistas feministas ocorreram em maior escala na década de 1960, num movimento que ficou conhecido como Revolução Sexual (ROBERTS, 1998). Entretanto, ressalta-se que a prostituição durante o século XX não ocorria apenas nas camadas mais pobres da sociedade; o padrão socioeconômico não era delimitador sobre quem adentrava no mercado do sexo.

Ainda no século XX, surge o movimento feminista, que, ao tratar da prostituição, apresenta concepções divergentes sobre o papel da mulher nessa realidade. Para as feministas da “primeira onda”, formadas por mulheres de classe média e letradas, as prostitutas eram consideradas objetos sexuais, pois “vendiam seus corpos”, ficavam mais oprimidas e submissas ao poder do gênero masculino, destacando a ideia de patriarcalismo tradicional. Entretanto, na “segunda onda”, as feministas passam a perceber o trabalho das prostitutas como um símbolo de autonomia sexual das mulheres, assim como uma ameaça ao modelo de controle patriarcal vigente (OLIVAR, 2007; PISCITELLI, 2005; ROBERTS, 1998).

No Brasil, durante a Ditadura Militar, surge a figura de Gabriela Leite (2009), liderança que inicia o fortalecimento do movimento de prostitutas, motivado por questões de violência policial, ao mesmo tempo em que reivindicava seus direitos enquanto prostituta. Ao longo dos anos de militância, Gabriela organizou o Movimento Nacional das Prostitutas, conhecida como Rede Nacional de Prostitutas, além de encontros e fóruns para tratar de temáticas como prevenção e promoção de saúde

para as profissionais do sexo. Em decorrência desse movimento social, surge a grife DASPU, cuja ideia é proliferar a luta pelos direitos civis das prostitutas. Para isso, utiliza-se de um discurso lúdico, e ao mesmo tempo satírico, para (re)ver a imagem da prostituta perante a sociedade. Dessa forma, aparecem as modelos-prostitutas, que não evidenciam os padrões de beleza anoréxicos das grifes de moda, mas exaltam a questão da atitude ou comportamento das prostitutas. Então, a DASPU apresenta o que antes era visto como pervertido e sujo, que passa a ser considerado como novo padrão de autoimagem para a prostituta. (GEAMMAL, 2009).

Com isso, esse corpo engloba o fetiche e o erotismo como pontos relacionais de construção das identidades das prostitutas. Dessa forma, esses corpos estão incluídos e propagam a expansão do mercado do sexo, que se diversifica em qualidade, serviços, preços e tipos de consumidores. Essa discussão envolve a oferta do uso do corpo em qualquer contexto, advindo de necessidades e desejos que são impostos por meio da cultura, que corresponde, no nosso tempo a um modelo jovem, saudável e eterno (GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN, 2005). Sendo assim, dentro desse mercado do sexo há uma valorização do corpo infanto-juvenil nas lógicas de erotização, já que estes correspondem ao modelo cultural de corpos perfeitos e sedutores (RIBEIRO; DIAS, 2008).

A partir disso, como é possível pensar o envelhecimento perante esse modelo de culto ao corpo? Estamos diante de uma sociedade que antes enaltecia seus velhos, partir de sua sabedoria e conhecimento, os quais eram conquistados pelas experiências que passavam na vida. Já para a sociedade pós-moderna, quem envelhece é ignorado, pois a lógica está em manter uma jovialidade nos pensamentos e em seus corpos, ou seja, sem marcas como flacidez, inchaço, rugas e sobrepeso. Dessa forma, o corpo cada vez mais remete ao que somos, ao que o transformamos e, conseqüentemente, ao que pendemos ser quando envelhecemos. Assim, o corpo aparece como um demarcador da idade cronológica e social (SIBILIA, 2012).

Goldemberg (2010; 2011; 2012), em sua pesquisa com mulheres brasileiras e europeias, aponta que este modelo ideal de corpo jovem é predominante na cultura brasileira. Dessa forma, as mulheres em nosso país consideram o corpo um veículo fundamental para a ascensão social, que deve ser trabalhado, construído, moldado e imitado. Segundo a autora, “o corpo é um capital” e produz ao mesmo tempo um enorme investimento nele mesmo, bem como pode gerar profunda insatisfação e sofrimento, no que engloba o resultado de sua aparência. As mulheres brasileiras mais jovens consideram o envelhecimento uma fase de perdas e ganhos, já as mulheres mais maduras chegam a apontar aspectos positivos sobre a velhice, principalmente no que diz respeito a priorizar seus próprios desejos.

No Brasil, a velhice da prostituta, que permanece ou não em atividade no trabalho, não é um tema frequente em estudos sobre o mercado do sexo. Com isso, mantém-se uma lacuna pouco explorada nos estudos referentes ao tema, ocultando a presença dessas mulheres neste serviço, da mesma forma que reafirma-se estereótipos centrais, as quais envolvem as mulheres no mundo da prostituição (PINHO, 2010). Assim, o presente estudo objetivou compreender a percepção das pros-

titutas sobre o processo de envelhecimento de seus corpos no período da meia-idade, propondo-se a perceber que lugar seus corpos ocupam em sua relação com os clientes e, da mesma forma, como elas compreendem seu envelhecimento.

DELINEAMENTO

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo exploratório, que segundo Minayo (2012), trabalha com a realidade social humana (o agir, o pensar sobre, interpretar as ações dentro e a partir da realidade que é partilhada com seus semelhantes).

PARTICIPANTES

A pesquisa contou com a participação de duas prostitutas na fase da meia-idade, que corresponde ao período entre os 40 e 59 anos. Elas foram apresentadas à pesquisadora pelo dono do bar onde realizam os programas diariamente. Foram utilizados pseudônimos para cada uma das participantes. A primeira será chamada de Diarista e tem 41 anos. A segunda receberá o nome de Fixa e tem 45 anos. Adotaram-se estas nomenclaturas pois são as formas que elas mesmas se consideram enquanto profissionais, já que a primeira escolhe os dias em que trabalha e a segunda trabalhava todos os dias fazendo programas no bar.

INSTRUMENTO E PROCEDIMENTO

A partir da escolha das participantes, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas, com questões abordando no contexto central o envelhecimento estético das profissionais do sexo. Ocorreram duas entrevistas com cada profissional, as quais definiram o horário, da mesma forma que o ambiente - o bar onde trabalham - para realizar as entrevistas. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da UNIFRA, e apenas após sua aprovação as entrevistas foram realizadas, gravadas, transcritas e em seguida apagadas pela pesquisadora.

O primeiro contato foi realizado com uma pessoa de referência que já teve contato com as prostitutas, por meio de trabalhos de prevenção e palestras sobre cuidados em saúde. Assim, essa pessoa indicou os lugares frequentados pelas participantes e fez o contato prévio com os donos dos bares, avisando sobre a ida ao campo com a pesquisadora. Desse modo, fomos juntas aos bares, apresentamos a proposta do estudo e a possibilidade de conversar com as profissionais em seu ambiente de trabalho ou fora dele.

No segundo momento de contato, a pesquisadora foi algumas vezes ao local para conhecer e estabelecer vínculo com as participantes, e somente após esses contatos deu-se início à pesquisa. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) às prostitutas e essas concor-

daram em participar da pesquisa. Todas as entrevistas foram realizadas no período diurno, no bar onde as profissionais realizam os programas. Os depoimentos tiveram duração entre 20 e 40 minutos, sendo gravados com o consentimento das prostitutas. Em seguida, esses depoimentos foram transcritos para serem analisados e interpretados tendo como metodologia a análise de conteúdo, e foram definidas categorias de análise da pesquisa (BARDIN, 2010).

Constatou-se três categorias norteadoras, a primeira, nomeada “*eu envelheci muito, muito mesmo... essa vida aqui judia da gente*”: como prostitutas percebem seu envelhecimento; a segunda, intitulada “*a gente dança, a gente faz sexo, a gente conversa, a gente dá conselho*”: a questão do trabalho; e a última categoria, denominada “*e... a gente dá atenção, conversa, dá conselho e explica as coisa pra eles*”: a relação da maturidade com os clientes. Os resultados serão apresentados a partir de categorias temáticas que nortearam os discursos das mulheres de programa, sendo que seus títulos trazem as falas das prostitutas como temas chave.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“EU ENVELHECI MUITO, MUITO MESMO... ESSA VIDA AQUI JUDIA DA GENTE”: COMO PROSTITUTAS PERCEBEM SEU ENVELHECIMENTO

Para iniciar a análise da pesquisa, ressalta-se o posicionamento que as participantes denotam sobre seu envelhecimento. No primeiro momento, elas remetem a imagens diretamente ligadas às marcas físicas em seus corpos. Veiga (2012) traz a noção de que nos corpos demarcam-se mudanças físicas que começam a ser evidenciadas nessa faixa etária, aqui identificada como meia-idade. Dessa forma, é no corpo que se carrega os estigmas associados ao envelhecimento, trazendo, por assim dizer, normas, significados, usos e funções regulados pelo social.

Motta (1999) destaca que o sentimento mais marcante relacionado às perdas ao envelhecer destinam-se ao corpo, a partir da aparência modificada, como o aparecimento de cabelos grisalhos, as rugas, a flacidez. Segundo Goldenberg (2010; 2011; 2012), ao estudar as mulheres brasileiras, o corpo é “um capital”, tanto para conseguir um trabalho, buscar e “segurar” um casamento, como também para se manter atraente. E são as mulheres as que mais procuram atingir esse modelo idealizado pela cultura, ou seja, um corpo sem excessos ou marcas. Corroborando a isso, apresenta-se a seguinte fala:

Ah, eu percebo no meu rosto, que estão aparecendo as ruga, os pé de galinha, a barriga, tá criando variz nas perna. Ah... os peito tão caído, coisa assim, a gente percebe que tá envelhecendo... Cabelo branco aparecendo né... eu ainda não pinto meu cabelo, nunca pintei né, mas quando aparece um fiozinho eu arranco. (Diarista, 41 anos).

[...], tu engorda e emagrece, daí fica mais flácido. Tu tem que aceitar, fazer o quê? (Fixa, 43 anos).

Outra questão destacada pela participante Diarista diz respeito à percepção da influência do tempo de trabalho em seu corpo. Pois além das marcas já mencionadas pela prostituta, a questão de valorização e destaque individual dentro do ambiente de trabalho também acende o questionamento de reorganização e reconhecimento do corpo de antes e do corpo que se tem agora. Pode-se perceber isso na fala seguinte:

Percebo e percebo muito, que quando eu comecei aqui, há 15 anos atrás, eu era a mulher mais bonita que tinha, eu fazia stripper em cima daquele balcãozinho e fechava o bar. É (risos) se puder a partezinha é um balcãozinho de de... dessa madeirinha que o A. tinha ali na frente. E daí agora? (Diarista, 41 anos).

Com esses depoimentos, pode-se pensar que as participantes da pesquisa, como mulheres de meia-idade, identificam perdas, geralmente relacionadas às marcas corporais. Mas deve-se ressaltar que elas também conseguem identificar ganhos, principalmente no que diz respeito à maturidade. Incorporam, dessa maneira, ganhos que correspondem à capacidade de discernimento sobre detalhes físicos e emocionais nos diferentes tipos de fregueses, como autonomia ou coragem. Bartolotti (2010), em sua pesquisa com mulheres de meia-idade, também resalta que suas entrevistadas associaram o corpo como objeto de desejo por via das experiências de vida e da maturidade. Destaca-se o seguinte depoimento para apresentar essa ideia:

Eu gosto do meu corpo, sou satisfeita com ele. Me cuido né [...] Envelhecimento não é só aparecer as rugas ou coisa assim, a gente vai envelhecendo, vai ficando mais madura, esperta, a gente vai... aprende bastante coisa, né e não é... A gente vai cansando, sabe, vai cansando... tem dias que a gente tá assim, chega no meio-dia a gente já tá cansada, né. Eu, assim, já reconheço que já tô envelhecendo, sabe, eu tô. (Diarista, 41 anos).

Entretanto, o que mais chama atenção em seus discursos é a maneira que as prostitutas fazem menção ao conceito de envelhecimento. Assim como na fala, pode-se perceber que, mesmo reconhecendo o envelhecimento como algo do processo de vida, elas procuram lidar com os efeitos disso em sua feminilidade. Assim, elas agregam a esse envelhecimento a esperteza, o conhecimento. Por outro lado, esse corpo cansado, desgastado, passa a ser um indicador do envelhecimento, por não conseguir acompanhar o que fazia antes. Segundo Almeida e Lourenço (2007), o envelhecimento compreende um processo natural da vida, que atinge todos os seres vivos, mas apesar de ter como característica central a universalidade, o envelhecer acontece de modo singular em cada sujeito. As participantes demonstram não ter incômodo ou receio por estar envelhecendo, afirmando ser uma lógica bem resolvida, ao mesmo tempo sinalizando uma despreocupação sobre estar velha. A seguinte fala complementa essa afirmação:

Olha, eu entendo que de duas coisas tu não escapa, da morte e de envelhecer. A gente tem que receber isso numa boa, né. (Fixa, 43 anos).

No decorrer das entrevistas, as participantes, nas suas posições sobre o envelhecer, a percebem como destino vital, o qual todos os seres humanos estão implicados a vivenciar. Por mais que a posição assumida por elas seja de um estado “natural”, existem diferentes modos de envelhecer que não dependem apenas dos aspectos genéticos e biológicos, mas também dos significados culturais e sociais construídos ao longo da história, que, entrelaçados, vão influenciando os aspectos que pensamos e sentimos nossos corpos. As prostitutas não deixam de perceber que estão envelhecendo, sendo essas marcas não apenas estéticas, mas como isso interfere em seu trabalho, fortemente relacionado a uma performance corporal, e sentido no cansaço físico durante a rotina dos programas. Com isso, nos propõem pensar como o envelhecimento se relaciona com o trabalho e/ou como o trabalho está interligado ao envelhecer dessas participantes.

“A GENTE DANÇA, A GENTE FAZ SEXO, A GENTE CONVERSA, A GENTE DÁ CONSELHO”: A QUESTÃO DO TRABALHO

Ao serem analisadas as falas das participantes, o quesito trabalho aparece centrado principalmente pela ideia de cansaço e fadiga, devido ao tempo e ao número de programas realizados diariamente. Quando se faz menção à prática laboral das prostitutas, essa é sempre relacionada aos riscos de violência física e à questão das DST/AIDS, já que esse grupo pode ser considerado vulnerável para a aquisição de doenças, devido ao elevado número de programas que essas mulheres realizam. Porém, são quase inexistentes as pesquisas que voltam o olhar para a prostituição enquanto um trabalho laboral e, por isso, passível de desgaste físico e psíquico (AQUINO, 2007). Nessa pesquisa, as queixas se voltam para um cansaço físico, sendo que este pode ser um dos fatores de diminuição no número de programas efetuados por elas. E por que não pensar sobre o trabalho das prostitutas como fonte também de sofrimento psíquico? Nesse viés, para as prostitutas, o cansaço mencionado no trabalho engloba os âmbitos físico e mental. Conforme a fala:

Porque tu cansa o teu corpo por tá fazendo sexo/programa. Tu cansa, né. E cansa também de tá aqui, às vez passa o dia inteiro sentada ou de pé ou coisa assim e é um pra lá e pra cá e muitas vez tu tem que até dançar aqui, né. Por que às vez tem homem que coloca as música lá na máquina e quer dançar, daí tu tem que ficar ali apaziguando. E a gente aqui, como eu digo, a gente faz de tudo. [...] a gente conversa, a gente dá conselho. É tudo, é como eu digo, se a gente escrever um livro e não conta ainda tudo no livro (risos). (Diarista, 41 anos).

A partir disso, para as prostitutas, os desgastes sobre seus corpos durante o trabalho envolvem uma energia que se dispõe para permanecer no local de trabalho e estar disponível para os desejos que os clientes exigem. Com isso, repercutem a ideia de um corpo que está “judiado”, que tem nos estímulos do ambiente a origem dessas marcas percebidas por elas. O que comprova a seguinte fala:

Antes, quando tu é guria nova, tem energia de sobra, né. Às vez saía, saía e ia pra boate de noite, ia pra baile de noite. Agora, capaz, agora pra mim sair de casa é muito difícil [...] E tem dias que a gente... a gente sai daqui, sabe... cansada, com dor de cabeça, é do barulho, é tudo, que tu não vê a hora de chegar em casa e ficar no sossego, sabe. [...] Por causa do dia, porque a gente se estressa, é música, é conversa, é risada, é grito alto, é tudo, que quando tu chega em casa tu deita pra dormir, tua cabeça parece um tubulão assim. (Diarista, 41 anos).

A exposição diária a esses estímulos sonoros e/ou vícios lícitos, para as entrevistadas, correspondem aos fatores estressantes do trabalho, refletindo um desgaste emocional durante e pós-programa. Esse desgaste prolonga-se do bar onde realizam os encontros até suas casas, de onde relatam consequências derivadas de suas rotinas, apresentadas em dificuldades para dormir e relaxar no ambiente doméstico.

Somando-se a isso, durante o período de trabalho, as prostitutas ainda devem lidar com os diferentes tipos de fregueses que procuram um programa. A cada programa, lhes é exigido não apenas uma performance que satisfaça sexualmente o cliente, mas também jogo de cintura, disponibilidade e artimanhas para reconhecer e atuar de maneiras individuais com cada cliente. Para Burbulhan, Guimarães e Bruns (2012), a prostituição pode articular dois planos sobre a relação da mulher de programa e o freguês: o comercial, fixada apenas no programa e os desejos dos fregueses realizados, finalizando com o pagamento combinado; e o intersubjetivo, que corresponde às relações internas com os clientes. Portanto, esses são acordos invisíveis e únicos, estruturados a partir do convite inicial do cliente. Podemos perceber isso com as falas das participantes:

Assim como vem um homem legal, às vez vem um homem chato... Vem um homem tonto, que tu tem que relevar, né... Um homem que já vem, já bebeu assim na rua, sabe, certas coisas tu tem que ter muita paciência, né... (Fixa, 43 anos).

Tem muitos que são às vez muito estúpido, tem outros que são muito xarope, tem outros nojentos, que tem que fazer... insuportável, fedido [...] Ai tem que ter jogo de cintura, eu digo assim, tem que saber lidar, né? E aí, isso aí a gente vai aprendendo com o tempo, que a gente já vai pegando uma prática. A gente já meio que vê quando o freguês é muito chato, xarope, tem muitos que são incomodativo né, e... assim como tem freguezinhos bons, esse que a gente chama de amiguinhos da gente né. (Diarista, 41 anos).

As próprias profissionais dividem seus fregueses em dois grupos. Ao se referir aos clientes bons, ambas os denominam como “amiguinhos”; entretanto, quando os clientes arrumam algum problema, cada uma tem uma nomenclatura própria: para a entrevistada Fixa, eles são os “tontos” e para a Diarista eles são os fregueses “xaropes, fedidos e incomodativos”. Em suas falas predomina o grupo dos “amiguinhos”, que são tratados de forma mais acolhedora e familiar. Segundo o estudo de Gaspar (1985), durante a interação da prostituta com o freguês, ela acaba por diferenciar os tipos de clientes. Os “caras legais”, que nesta pesquisa aparecem como os “amiguinhos”, são aqueles que pagam corretamente, tornam-se fixos e têm um tratamento mais delicado e atento durante o ato sexual; já os fregueses que despertam sentimentos de nojo, raiva e incomodam durante os programas, são

aqueles que exigem mais no que diz respeito à performance sexual, têm comportamento repugnante e normalmente causam problemas na hora do pagamento. A partir dessa relação, pode-se aludir à ideia encontrada na lógica das organizações do trabalho, onde a relação com os clientes é uma de suas maiores ênfases e fonte de investimento, pois é por meio deles que o trabalho pode ou não se consolidar. Dessa forma, será analisada essa dinâmica tramada entre as prostitutas e os seus clientes, e os esforços profissionais dessas mulheres para a manutenção do seu trabalho.

“E... A GENTE DÁ ATENÇÃO, CONVERSA, DÁ CONSELHO E EXPLICA AS COISA PRA ELES”: A RELAÇÃO DA MATURIDADE COM OS CLIENTES

Ao pensar sobre o trabalho das prostitutas, os caminhos que vinculam sua função e o pensamento social inscrito em nossa cultura e reproduzido nos estudos sobre sexualidade, perpassa a noção de que as profissionais do sexo apenas transam, fazem sexo. Em “Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição de rua a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre”, Olivar (2010b) menciona que existem regras, delimitadas pelas prostitutas, de como lidar com os fregueses durante os programas. Para elas, há códigos culturais sob certos espaços simbólicos que os programas assumem, não apenas o ato sexual, mas outras formas de cuidado, tanto da integridade física como emocional das prostitutas e fregueses. Pasini (2000) remete que as prostitutas passam a se relacionar com seus corpos de maneira singular, e utilizam limites simbólicos dele para estabelecer sua relação com os clientes.

Nas falas das entrevistadas, o programa assume uma posição mais voltada para oferecer uma companhia e/ou dar conselhos para seus “amiguinhos”. Como mencionado antes, esses são os clientes considerados bons. Gaspar (1985) apresenta que esse papel assumido pelas prostitutas garante ao freguês uma segurança de que suas confidências durante o programa não terão repercussão no seu grupo social. Assim, as prostitutas são convocadas a resolver problemas dos clientes e prestar cuidados, cuidar da bebedeira e aliviá-los de suas tensões cotidianas. Os fregueses, então, buscam encontrar nelas, além do prazer sexual, uma ouvinte, cuidado, carinho, atenção.

Às vez as pessoas vêm aqui mais pela companhia, nem pra fazer programa. Tenho amigos assim, que vêm pra cá, só mais pra conversar, pra beber e passar o dia aqui, só pra ter aquela companhia, pra conversar, pra se abrir e não fazem programa. (Diarista, 41 anos).

Mas tem gente que vem com os problemas mais pessoais, sentimentais, que tocam a gente, sabe. E aí eu tento amenizar, ajudar, “trata bem teu filho, a tua filha que vai mudar, trata bem tua esposa, tenta conversar com ela”. Eu tento, porque eu tenho experiência na vida, né. Dar um conselho bom, parece que a pessoa sai aliviada, às vez tem uns casado que a mulher fica 1, 2, 3 mês sem ter relação, vira pro lado e tem tudo dentro de casa, vira pro canto e eles falam que “não sou de ferro, quando eu casei, no começo, era uma coisa, e depois mudou tudo” [...] Então ele sente uma carência. (Fixa, 43 anos).

Com isso, as prostitutas apresentam que o programa passa a ser efetuado de forma diferente, não mais apenas, ou tanto, pela via da relação sexual, mas atrelando a ele um espaço para que o freguês possa conversar sobre questões pessoais. Dessa forma, as prostitutas acabam exercitando a paciência durante a escuta, já que muitos de seus fregueses não vão ao local em busca de um corpo bonito, como mencionado por elas. Confirmando esse dado, a pesquisa de Burbulhan, Guimarães e Bruns (2012), a qual ressalta a questão de que os fregueses buscam nas prostitutas aquilo que não encontram em suas esposas, abrangendo aspectos sexuais, por meio dos desejos e/ou fantasias, ou aspectos afetivo-emocionais, como companhia, alguém para desabafar. A fala a seguir corrobora essa afirmação:

Por exemplo, assim, vêm amigos da gente e coisa, que não reclamam né, porque às vez não vêm atrás de um corpo bonito, como te falei, mas aqui na nossa profissão eles vêm aqui atrás de alguma coisa que tá faltando dentro da casa deles. A maioria dos homem vem aqui atrás de uma companhia, né, dum relação, dum carinho, alguma coisa que tá faltando pra eles. (Fixa, 43 anos).

A gente fica pensando, né. Como tem homem carente, olha que as vez eles ficam faceiro só com um sorriso, ou ficar conversando com eles, dando uma atenção, sabe” [...] Pela Paciência. É a conversa [...] vem esse meu aqui que eu te falo e ele diz que olha, a coisa que ele mais gosta é de vir e conversar comigo, porque eu dou conselho bom, porque eu tenho cabeça boa, que “tu tem pensamentos bons”, sabe [...] Eles desabafam, falam do problema deles, falam do serviço deles, falam da família, da convivência deles em casa como é que é. (Diarista, 41 anos).

Ao mesmo tempo, as prostitutas da pesquisa percebem que, por serem mais pacientes, têm uma vantagem em relação às mais novas, que por mais belas fisicamente que sejam, não têm artimanhas como paciência, conversa, afeto, que são ferramentas diferenciais para que os clientes procurem pelas prostitutas mais maduras.

Então, entendeu, eles não vêm pra isso, que a maioria das mulher que vêm... poucas gurias novas, sabe, não vem muita guria muito nova. A maioria das que vem aqui é de 38, 40, quarenta e poucos anos... Eles não vêm atrás de guriasinhas, sabe, eles vêm atrás de uma pessoa mais madura, sabe, sei lá, eles vem atrás de uma pessoa que tem a cabeça mais pra conversar, sabe [...] Pela Paciência. (Fixa, 43 anos).

Às vez tá cheio de guria bonita aqui e os freguês chegam mais em nós, né, nós, as coroa. Porque não tem nada a ver com o corpo sabe [...] É a conversa, eles vão agarrar e conversar e tal. E a gente dá atenção, conversa, dá conselho e explica as coisa pra eles. (Diarista, 41 anos).

As participantes evidenciam, a partir de seus relatos, que para realizar seu trabalho não precisam vincular-se apenas ao corpo físico, mas que pela maturidade, adquirida com o passar dos anos no serviço, percebem que seus fregueses as procuram por outras demandas além do ato sexual em si. Esses aspectos acabam por remeter à questão maternal, do cuidado, conselho e proteção das mulheres sobre os homens, características essas hegemonicamente consideradas do feminino, que passam a ser bem exploradas por elas em seu trabalho, como uma forma de se valorizarem diante deles e diante do envelhecimento. Corroborando esse discurso, Coelho e Peres (2010) referem que, com o avanço da

idade, o fortalecimento da maturidade nos sujeitos pode possibilitar novos meios de busca por prazer, com um espaço no qual se desenvolva maior abertura para carinhos, carícias e afetos. Vivenciam, dessa forma, outros modos de exercer a sexualidade. Para as entrevistadas, encontra-se nesse ponto seu principal instrumento de trabalho, muitas vezes mais utilizado do que o próprio corpo físico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa, foi possível alcançar os objetivos propostos inicialmente. Ao longo das entrevistas, as participantes ficaram mais à vontade para discutir o tema de envelhecimento, estética e corpo. Ainda, outros assuntos foram interligados às respostas das prostitutas, como mencionado por elas na passagem “é como eu digo, se a gente escrever um livro e não conta ainda tudo no livro”, que demonstra o desejo de vir a contar suas histórias e os fatos que envolvem os seu trabalho a outros sujeitos.

Em decorrência das respostas apresentadas, percebe-se que, para as participantes, a noção de envelhecimento é considerada a partir de uma lógica “natural” no processo de vida, sob o qual estamos destinados a passar. Não aceitando passivamente essas mudanças, elas se propõem a recriar seus posicionamentos em relação ao envelhecimento, por meio do conhecimento e maturidade. Advindo disso, percebem, por meio das marcas registradas em seus corpos, que o tempo cronológico está passando. Com isso, revelam notar aspectos vulneráveis (rugas, fios grisalhos, alteração nas formas dos corpos, cansaço) de estarem envelhecendo. Entretanto, foi possível identificar, em algumas menções das entrevistadas, o reconhecimento de aspectos positivos do envelhecimento, principalmente quando lançam mão sobre a maturidade como elemento diferenciador para seus programas.

Assim, no decorrer das entrevistas, ao direcionar perguntas referentes ao corpo/imagem corporal para as participantes, surgem respostas vinculadas à fase de desenvolvimento em que as mesmas se encontram, aparecendo posicionamentos que ressaltam que o corpo não é o elemento mais importante em suas relações com os clientes. Elas mencionam que seus “amiguinhos” procuram nelas outras habilidades para além da atividade sexual, como a escuta, acolhimento, atenção, conselhos e conversas. Dessa forma, são exigidas para outras atividades que não resultam no ato sexual e sim nas questões de acolhimento e companheirismo e com isso exercitam a paciência em muitos encontros. Em suas falas, também é possível identificar um destaque sobre o gasto de energia e envolvimento que a prostituição exige dessas profissionais, sendo um trabalho também gerador de cansaço, estresse, dores físicas, que se originam pela rotina no bar, relação com os clientes e dos próprios estímulos do ambiente.

Por fim, com esse trabalho foi possível perceber que a sexualidade e o envelhecimento são construções e processos socioculturais presentes ao longo da vida de todos os sujeitos. As entrevistas com as prostitutas proporcionaram a aproximação de um espaço pouco explorado pela Psicologia, já que, em pesquisas iniciais de conhecimento sobre o tema, grande parte da abordagem sobre o mercado do sexo volta-se para grupos etários mais jovens, em que o corpo passa a ser o principal instru-

mento desse trabalho. Assim, com os resultados da pesquisa foi possível ampliar o foco sobre o corpo em envelhecimento da prostituta, que sofre e se desgasta no exercício do seu trabalho, mas resiste recriando novos significados para suas funções na arte de “vender fantasias sexuais”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade? **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-15, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/HcTaIY>>. Acesso em: 05 maio 2013.

AQUINO, P. de S. **Desempenho das atividades de vida por prostitutas**. 2007. 128f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/TGrDdz>>. Acesso em: 30 out. 2013.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Ed. 70, 2010.

BORTOLOTTI, L. M. R. “**Na melhor idade**” - **mulheres, sexualidades e envelhecimento**: um estudo etnográfico a partir de bailes de terceira idade. 2010. 165f. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/6oPhoN>>. Acesso em: 25 out. 2013.

BURBULHAN, F.; GUIMARÃES, R. M.; BRUNS, M. A. de T. Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. **Rev. Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 4, p. 669-677, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/KI7Xwt>>. Acesso em: 15 out. 2013.

COELHO, A. V. R.; PERES, V. L. A. A sexualidade do idoso e sua subjetividade. **Rev Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 20, n. 5/6, p. 303-323, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/15JTRo>>. Acesso em: 15 out. 2013.

GASPAR, M. D. **Garotas de programa**: prostituição em Copacabana e identidade social. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

GEAMMAL, J. T. **O surgimento da marca DASPU e a projeção de sua imagem através da imprensa**. 2009. 188f. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/LFEPAH>>. Acesso em: 05 nov. 2013.

GOLDENBERG, M. O corpo como capital: gênero, casamento e envelhecimento na cultura brasileira. **Rev Redige**, v. 1, n. 1, p. 1-9, 2010.

_____. Invisíveis ou inclassificáveis? Gênero, corpo e envelhecimento na cultura brasileira. In: MESQUITA, C.; CASTILHO, K. (Org.). **Corpo, moda e ética: pistas para uma reflexão de valores**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, p. 55-71, 2011.

_____. Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, MG, v. 25, n. 2, p. 1-11, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/sxsOk8>>. Acesso em: 05 maio 2013.

GUIMARÃES, K.; MERCHÁN-HAMANN, E. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. **Rev Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 525-544, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/PMqHpv>>. Acesso em: 10 maio 2013.

LEITE, G. **Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MINAYO, M. C. S. O desafio da Pesquisa Social. In: _____ (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOTTA, A. B. da. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 13, p. 191-221, 1999. Disponível em: <<https://goo.gl/eVw66j>>. Acesso em: 05 maio 2013.

OLIVAR, J. M. N. O Direito Humano de ser Puta: uma reflexão sobre os direitos sexuais no universo da prostituição feminina em Porto Alegre. **Rev Teoria e sociedade**, v. 2, n. 15, p. 108-137, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/qglOD9>>. Acesso em: 10 maio 2013.

_____. **Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição de rua a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre**. 2010. 385f. Tese (Doutorado em Antropologia social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010b.

PASINI, E. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. **Cadernos Pagu**, n. 14, p. 181-200, 2000.

PINHO, E. B. de M. Entre Estigmas e Resistências: trajetórias de vida de prostitutas idosas. In: II ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA DA REGIÃO NORTE. Universidade Federal do Pará: Belém, p. 1-192, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/QDt9lF>>. Acesso em: 05 out. 2013.

PISCITELLI, A. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, n. 25, p. 7- 23, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n25/26520.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2013.

RIBEIRO, M. O.; DIAS, A. de F. Prostituição infanto-juvenil: revisão sistemática da literatura. **Rev Esc. Enferm.**, USP, v. 43, n. 2, p. 465- 471, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/N5VGfv>>. Acesso em: 05 maio 2013.

RAGO, M. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Trad.: Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

SIBILIA, P. Imagens de corpos velhos: a moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais. In.: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (Org.). **O triunfo do corpo**: polêmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 145- 159, 2012.

VEIGA, M. R. M. **Mulheres na meia-idade**: corpos, envelhecimentos e feminilidades. 2012. 119f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/M0DfwO>>. Acesso em: 25 out. 2013.

REFERÊNCIAS DAS ENTREVISTAS

Diarista. Entrevista I. [set. 2013]. Entrevistador(a): Catheline Brandolt. Santa Maria, 2013. 1 arquivo. Mp3.

Fixa. Entrevista II. [set. 2013]. Entrevistador(a): Catheline Brandolt. Santa Maria, 2013. 1 arquivo. Mp3.